



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

**O MUSEU GOELDI E O ACERVO DE ANTROPOLOGIA DA COLEÇÃO DIDÁTICA EMÍLIA
SNETHLAGE: MUSEALIZAÇÃO EM FOCO**

***THE MUSEU GOELDI AND THE ANTHROPOLOGY COLLECTION OF THE EMILIA SNETHLAGE
DIDACTIC COLLECTION: MUSEALIZATION IN FOCUS***

Julie Castro de Sousa. UFPA.

Alegria Benchimol. UFPA. MPEG.

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a musealização do acervo de Antropologia da Coleção Didática Emília Snethlage (CDES), sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi, (MPEG) a fim de identificar em qual etapa do processo este acervo se encontra. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados ainda inconclusos, apontam que a musealização foi iniciada, no entanto, é necessário prosseguir com as demais etapas para que o processo seja concluído.

Palavras-Chave: Coleção Didática. Musealização. Museu Goeldi.

Abstract: This work aims to analyze the musealization of the Anthropology collection of the Emília Snethlage (CDES) Teaching Collection, under the guard of the Museu Paraense Emílio Goeldi, (MPEG) as an end of which stage of the process it identifies. The methodology used for bibliographical research. The results still inconclusive, point out that the musealization has been contracted, is in the *acquisition* stage, however, are useful with the other steps for the process to be completed.

Keywords: Teaching Collection. Musealization. Museu Goeldi.

1 INTRODUÇÃO

Os museus são espaços relevantes para a sociedade, no sentido de preservar e garantir o acesso das pessoas aos bens preservados. A Revolução Francesa, no século XVIII, teve um importante papel para o entendimento, de como disponibilizar os objetos, antes destinados às coleções particulares. Desse modo, duas ações, em momentos distintos, ocorreram, o primeiro momento trata da transferência dos bens do clero, da Coroa e dos emigrados para a nação. O segundo enfoca a destruição ideológica que atingiu uma parte desses bens, a partir de 1792 suscitando uma reação de defesa imediata. (CHOAY, 2006).



Estas ações impactaram a sociedade e o museu foi consagrado como lugar no qual os objetos passaram a estar expostos em locais abertos e articulados para recepção de diversos públicos, e nesse sentido, o crescimento deste espaço foi simultâneo em vários locais. Quando o modelo de museu etnográfico ganha força ao redor do mundo, e especificamente no Brasil, diversas instituições foram criadas com a intenção de coleta, ensino, pesquisa e a exposição de coleções, o Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Paulista, foram fundados, nesta ordem, em 1818, 1866 e 1894 (JULIÃO, 2006).

Na região norte, em 1866, o Museu Paraense, atual Museu Paraense Emílio Goeldi foi fundado por Domingos Soares Ferreira Penna, que convidou intelectuais e políticos paraenses para discutirem os pilares de uma associação para fundar futuramente um museu indígena e de história natural em Belém (JORNAL DO AMAZONAS, 1866, *apud* CRISPINO; BASTOS; TOLEDO, 2006). A partir da perspectiva desta associação chamada de Associação Filomática¹ cujo principal objetivo seria a criação de um museu de história natural nos moldes europeus vigentes, é que foi fundado o Museu Paraense (CUNHA, 1986). Seu acervo abrange cerca de 4,5 milhões de objetos (SANJAD, 2008) incluindo coleções de “Botânica, Ciências Humanas, Ciências da Terra e Zoologia” (BENCHIMOL, 2015). Entre elas, há a coleção didática Emília Snethlage (CDES), foco deste trabalho, cujo objetivo é analisar a musealização do acervo de Antropologia, visando a identificar a etapa que o acervo se encontra.

Este resumo terá a seguinte estrutura: alguns conceitos sobre o processo de musealização, um breve panorama sobre a coleção didática Emília Snethlage e por fim, algumas considerações possíveis até o momento.

2 O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO E A COLEÇÃO DIDÁTICA EMÍLIA SNETHLAGE

Os museus são ambientes de trocas, de experiências, entre o passado, presente e futuro que evidenciam a comunhão das pessoas que neles atuam e aquelas que os visitam, assim “são lugares constituídos de elementos da memória, incrustados na tradição, são eles, também, ligados aos costumes de dada sociedade, que os repassa de geração em geração” (SILVA, CONDE E MAGALHÃES, 2020, p. 14). Atualmente, o Conselho Internacional de Museus

¹ Que ama as ciências (FERREIRA, 2004); amigo das ciências, do conhecimento (HOUAISS, 2001)



(ICOM) utiliza a definição de museu cunhada em 2007 durante a 22ª Assembleia Geral em Viena, Áustria, que estabelece:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público, o qual adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu ambiente, com propósito de ensino, estudo e lazer.
(ICOM, 2007)

Esta definição já vigora há 15 anos e ao longo deste período, diversas mudanças ocorreram. De 2016 a 2019, o Comitê sobre a Definição de Museu, Perspectivas e Possibilidades (MDPP) promoveu encontros e oficinas para contribuições de propostas. No ano de 2019, iniciou-se debates coordenados pelo comitê ICOM-Define. E neste ano, 2022, ocorre a 26ª Assembleia Geral do ICOM em Praga, na República Checa, e a votação para uma nova definição atualizada que abrange as transformações deste espaço (ICOM, 2022).

Dessa forma, as coleções nestes espaços “revelam características de um determinado período da trajetória de uma sociedade, pois constituem os testemunhos materiais por ela recebidos e que lograram subsistir” (VELTHEM, 2012, p. 56). Portanto, seus objetos possuem valor imensurável pois “ao entrar para o museu o objeto atravessa uma passagem em direção a novos universos de significações” (BRULON, 2015, p.52). Os objetos são escolhidos conceitualmente, à medida que também contam uma narrativa de origem. Assim, acervos, objetos indígenas demonstram a diversidade do país e são elementos essenciais para compreender a formação histórica e cultural do Brasil.

Igualmente, considera-se a importância do objeto e que é “essencial zelar por sua integridade física, e também pesquisá-lo, documentá-lo, divulgá-lo, interpretá-lo à luz de nosso tempo e da cultura na qual estamos imersos.” (SANTOS; LOUREIRO, 2012, p. 65). Estas ações são fundamentais para que os objetos sejam preservados e comunicados de forma apropriada.

Reconhecendo a função social dos museus em novembro de 2015, em Paris, durante a 8ª Conferência Geral da Unesco, a Recomendação aprovada referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade prega que: “Os museus são cada vez mais vistos, em todos os países, como tendo um papel chave na sociedade e como fator de promoção à integração e coesão social” (UNESCO, 2017, p. 6).



Desse modo, a responsabilidade social dos museus envolve a socialização dos acervos e dos conhecimentos produzidos dentro da instituição.

Nesta perspectiva, a musealização é uma atividade que inclui a difusão de conhecimento, como preconiza Cury (2005, p. 26) quando afirma que a musealização ocorre em etapas determinadas: “aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação” (CURY, 2005, p. 26) e Loureiro e Loureiro (2013) quando pregam a:

musealização como processo (ou conjunto de processos) por meio do quais alguns objetos são privados de sua função original e, uma vez revestidos de novos significados, adquirem a função de documento (LOUREIRO; LOUREIRO, 2013, p. 1).

Refletindo sobre a aquisição de significados, é possível perceber que o objeto se torna algo diferente e seu tratamento é diferenciado. Ademais, agora é compreendido como relevante para o museu e para a sociedade e deve ser documentado. Borko, reconhecido autor da Ciência da Informação, destaca que a documentação:

[...] é um de muitos componentes aplicados à Ciência da Informação. A Documentação é preocupada em adquirir, armazenar, recuperar e disseminar a informação documentária, principalmente, na forma de relatório e periódicos literários. Por causa da natureza da coleção e os requisitos dos usuários, a Documentação tende a enfatizar o uso de equipamentos de processamento de dados, reprografia e microformas como técnicas de manipulação da informação. (BORKO, 1968, p. 5)

A documentação faz parte do processo de musealização uma vez que demonstra informações minuciosas das coleções e seus objetos desde sua entrada até sua saída. Desse modo, assegura a preservação através da organização das informações e dos registros fotográficos. Sublinha-se, neste aspecto, que a documentação em acervos museológicos, segundo Ferrez é:

[...] conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação desses por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1991, p. 1)

E este tratamento possibilita a produção e a organização da informação que devem ser usadas como pontes para a mediação do conteúdo. A proposta de documentação em acervos museológicos deve ser objetiva haja vista que é fundamental para o encontro do objeto e suas



informações. Por isso, é necessário conhecer o acervo para que a documentação seja pertinente, a produção de fichas de arrolamento, monitoramento do acervo, fichas de catalogação das peças, fichas de empréstimos, a descrição dos aspectos físicos e procedências, são atividades essenciais.

Para Papavero (1994) as coleções didáticas colaboram com o ensino, apresentações e treinamentos, destaca-se a possibilidade de manuseio de seus objetos e a aproximação que gera com o público. Assim, a coleção didática Emília Snethlage (CDES) constituída em 1985 (SANJAD, 2008), e localizada na Coordenação de Museologia (COMUS) dentro do Parque Zoobotânico, na cidade de Belém, surgiu com o propósito de socializar pesquisas, conhecimentos e acervos do museu para a sociedade. Contudo, não é possível contabilizar os objetos e identificar de qual forma foram adquiridos, uma vez que a documentação está em fase inicial. A CDES abrange itens provenientes da região amazônica que pertencem às seguintes áreas de conhecimento: Antropologia, Botânica, Geociências e Zoologia (SECCO, 1991). Especificamente, neste artigo, está em evidência o acervo de Antropologia, formado por peças representativas de culturas indígenas, tais como: bordunas, clavas, bancos, remos, tipoias, flechas, entre outras.

Os objetos produzidos pelos povos indígenas inseridos em uma coleção didática potencializam a socialização das culturas das populações nativas, sobretudo, da Amazônia, em consequência, os progressos no compartilhamento de pesquisas e informações podem ser observados através da mediação, em empréstimos às escolas, feiras e eventos. Por isso, a importância de uma proposta de documentação coerente é imprescindível, pois deve abarcar determinadas características, segundo Ferrez, baseada em Mensch, afirma:

Os objetos produzidos pelo homem são portadores de informações intrínsecas e extrínsecas que, para uma abordagem museológica, precisam ser identificadas. As informações intrínsecas são as deduzidas do próprio objeto, através da análise das suas propriedades físicas. As extrínsecas, denominadas por Mensch (1987) de informações documental e contextual, são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto e que só muito recentemente vêm recebendo mais atenção por parte dos encarregados de administrar coleções museológicas. Elas nos permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram, funcionaram e adquiriram significado e geralmente são fornecidas quando da entrada dos objetos no museu e/ ou através das fontes bibliográficas e documentais existentes. (FERREZ, 1991, p. 1)



Partindo das reflexões de Ferrez, compreende-se que o planejamento das ações museológicas deve considerar as particularidades do acervo e, portanto, uma proposta específica de documentação para coleções didáticas é necessária, pois é imprescindível reconhecer a heterogeneidade dos objetos, refletir sobre métodos de conservação preventiva, considerando a localidade e a difusão das informações para diversos grupos sociais, com uso de linguagem adequada para compreensão e a finalidade da coleção.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a CDES trouxe ao cenário acadêmico um dos mais antigos museus do Brasil e sua coleção didática, que apesar das adversidades seja de recursos humanos ou financeiros cumpre um importante papel social na região. Observou-se, durante a pesquisa, que os objetos indígenas do acervo de Antropologia da coleção didática Emília Snethlage perpassam o primeiro estágio da musealização: a aquisição, ou seja, sua entrada no museu. O processo ainda está incipiente, na medida em que ainda não seguiram para as próximas etapas.

Consideramos que seja fundamental prosseguir para que a vida dos objetos, suas características físicas e simbólicas sejam prolongadas. Entretanto, é importante refletir sobre as especificidades, pois trata-se de um acervo presente em uma coleção didática, localizado na região amazônica, deve-se respeitar as peculiaridades do material, e a necessidade de estudos regionais é um fator pertinente pois existem amplas possibilidades de pesquisa que esta tipologia de acervo possibilita. Não se teve a intenção, neste trabalho, de esgotar o assunto em pauta, mas apenas de discutir a complexa atividade de documentar coleções didáticas inseridas em museus.

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, A. Musealização da Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 50–70, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16904>.
- BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.
- CURY, M. X. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. 4ª. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP, 2006.



CUNHA, O. Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi. In: MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI (MPEG). *O Museu Paraense Emílio Goeldi*. São Paulo: Banco Safra, 1986.

CRISPINO, L. C.; BASTOS, V.; TOLEDO, P. M. (Org.). As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921). Belém: Paka-Tatu, 2006.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4. 1991, Recife. Anais [...]. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Eletrônico. Versão 5.11. Curitiba: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Museum Definition. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition>> aceso em 17 ago 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Disponível em** <http://www.icom.org.br/wpcontent/uploads/2021/02/Apresentacao.pdf>> acesso em 16 ago 2022

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a História do Museu. In: NASCIMENTO, Silvana S. TOLENTINO, Átila. CHAGAS, Mário (Coord.). Caderno de diretrizes Museológicas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, Ed. Dois. 2006, p.19- 32.

LOUREIRO, M. L. N. M.; LOUREIRO, J. M. M. Documento e musealização: entretecendo conceitos. MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares, n. 1, 2013.

PAPAVERO, N. Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura. UNESP, 1994.

SANJAD, N. A comunicação e extensão no Museu Paraense Emílio Goeldi. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 141-150, 2008.

SANTOS, L. B.; LOUREIRO, M. L. N. M. Musealização como estratégia de preservação: Estudo de Caso sobre um previsor de marés. Museologia e Patrimônio, v. 5, p. 49-67, 2012.



SECCO, M. F. F. V. A coleção didática de Zoologia para alunos de 1º e 2º graus. *Ciência em Museus*, Belém, 3, 51-56, 199.

SILVA, V. J. da; MAGALHÃES, A. F. C. O. Museus: espaços de preservação da memória e divulgação do patrimônio cultural. *Patrimônio Cultural e espaços sociais*. Organizadores Vandeir José da Silva, Giselda Shirley da Silva, Antónia Fialho Conde & Olga Magalhães – 1. Ed. – João Pinheiro: Editora: Patrimônio Cultural de João Pinheiro, 2020.

SOARES, B. B. Caminhos modernos da musealização: a fabricação de museália no Ocidente. *Revista Tempo Amazônico-ISSN*, v. 3, n. 1, p. 42-61, 2015.

UNESCO. Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2017.

VELTHEM, L. H. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.7, n.1, p.51-66, jan.-abr. 2012.